

ALPORTIGA

Crítica e Humorismo : Artes e Literatura : Desporto : Etc.

1.º Ano N.º 5

: Guimarães, 17 de Janeiro de 1926 :

Director e Editor:
Salvador Dantas.

Colaborador artístico: Domingos Dantas.

: Publicação quinzenal :

Comp. e imp. na Tipografia Minerva Vimaranesense.

Comentários

Janeiro — 1. Ah! como arranca nervosa e desolada, a mão que envelhece, a última folha seca e estúpida do ano velho, mais um ano mentiroso e falho, no estrépito em delírio de arrelhas e angústias que vai da pia do baptismo ao caixão de pinho... E com o «sume-te, dianho!», a fingir que es-corraçamos a ave agoireira do nosso destino, perdido no ciclo do tempo, ainda este fundo de imaginação atávica, que em nós, tolinha, se abriga, deita cálculos de esperança e fantasias risonhos ou melhores, brutalizados e desfeitos por outros dias mesmíssimamente iguais aos passados, enquanto, e simultaneamente, juízo, essa fórmula convencional ou médica da inteligência, se promete dirigir nos em nossos actos e passos por aquela regrada pauta do método e do bom senso de que, tam supersticiosamente!, aguardamos o milagre salvador da felicidade, a mostra ignóbil e dissoluta, a bárbara hedionda e cruel, a felicidade... Não, meu primeiro de Janeiro, eu já não acredito em ti, como não creio na fidelidade às juras que me lembrasse de fazer-me para conquistar serêna e racionalmente a era da ventura. Tu vens, como os outros, intrujar-me e tu és pior, eu sei perfeitamente que serás, como o inevitável, mais duro e mau. Conheço-te, ó máscara! Se houver ainda de te despejar no balde do passado, exalarás o aroma infecto da podridão gangrenosa... e eu tornarei a esperar, impenitente devoto, a nova falsa alvorada do teu sucessor, arlequinesco disfarce da tua eterna e melancólica fereza. Tu que me trazes, ó alcoveta da morte; senão mais velhice, mais tristeza e mais fome?; tu a que vens; senão a empurrar-me para a cova de terra no cemitério silencioso?; de que é feita a chuva do teu inverno; senão de saudade que eu tenho já do tempo em que chorava? — e o que ruge no vento e calcina no teu sol; senão as imprecações da minha revolta e a luz dos cirios da agonia, ó tempo?...

Mas tu não existes, velho ano novo. A vida do homem só tem duas idades — aquela em que enganadamente se

espera, e a em que, depois de êle contar os minutos pelos tormentos, se espera ainda desconsoladamente... a morte. A tua festa, a cada folhinha impressa em que se entretiveram a repartir-te com sciência e balela, cresce sempre em festa de tortura. O' como eu te esganaria, falso, se as minhas mãos, que se erguem nervosas, não descaíssem logo desalentadas. Entra e começa a tua obra de perfídia e destruição! Aqui me tens.

O Rei Carol da Roménia, dando uma prova recente de que, mesmo nas melhores teorias, só há um grãozinho de verdade no seu todo bojudo e falso, não se ajeita com a firme e reclama-díssima *estabilidade* (aqui está a teoria) do sistema monárquico e, quando lhe dá na gana, atrai a corôa às ortigas e vai amar como um homem qualquer. Assim fez em 1918 e reincidiu agora, dizem as gazetas, depondo brejeiramente na cabeça do seu filho de 5 anos a corôa de ouro roménica. Acrescentam os bisbilhoteiros da imprensa que o cidadão Carol se dirigiu ao estrangeiro, talvez a encontrar-se com a primeira mulher com quem casara, matrimónio anulado e seguido de um outro com o fim de elevar ao trono uma rainha com o sangue especial dessa alta espécie zoológica. E, babadamente, incendiando os tropos, declamam que o coração tanto bate no peito do homem vulgar como dentro da máquina governativa de manto e sceptro que se chama um rei: «não é só nos contos de fadas que se vê um príncipe casar com uma pastorinha.» Ainda vale ser rei nestes sujos tempos de demagogismo, pois se se tratasse de qualquer vulgacho o haviam de incriminar de polígamo e de desavergonhado que deixa sua mulher, a nova mulher, e os filhos por uma antiga aventura, a que não teve a coragem de manter-se fiel nem de erguer a uma honra mais alta que a dos tronos com a flama da sua paixão.

O procedimento de Carol, por muito lamentável a dignidade de qualquer dos sistemas que felizmente nos regem, é o que há de mais humano, sensato e lógico. As funções de chefe de estado, não se amotinam republicanos nem

Os "reiseiros,"

Em o dia de Reis, cá a cidade vestiu galas... e galinhas, porque ao salão do Chantecler vieram fazer-nos uma visita os célebres *reiseiros da Maia*... O' que *luxo*, ó que *primor*, ó que *beleza de hortaliça*, ó que grande borracheira!... Aquilo só visto! Aquilo só apreciado com os olhos todos, de ver e de não ver!... O' cúmulo do *bom gosto*, ó cúmulo da indecência, ó cúmulo do burricada posta em scena!...

O' gatos mortos, e ratasanas e cães lasarentos, para onde fostes vós? Onde estais?, onde estais?... E vós, batatas, e cebolas, e *figos*, onde vos esconderíeis vós, que não appareceste no momento oportuno?...

O' que lindo figurado! O' maravilha das maravilhas!... E aquele capitão Bandalho que jogava o pião? E o Herodes, que mais parecia uma cavalgadura a andar de pé? E os três reis magos, que eram mesmo três béstas chapadas? E o boneco que fazia de menino Jesus?... O' que grande patuscada!... E a charanga, aqueles cinco gaiteiros, que davam mesmo a ideia de dois pares de galhetas com um castiçal ao meio, e faziam peor figura do que os músicos das mais reles barracas de circo?... E a scena patética do morte do Herodes?...

Aquilo, só com... rêspos!...

monárquicos nem vice-versa, a não ser nos países de acentuado e *natural* presidencialismo, são ou meramente decorativas ou profundamente aborrecidas e tantálicas, assistindo, impassíveis e responsáveis, ao mexer das intrigas e ao desencadear das paixões a que, as mais das vezes, sendo estranhos, sucumbem vítimas. Contrariado na sua inclinação amorosa para poder sentar a seu lado, no trono roménico, uma rainha do sangue especial dessa alta classe zoológica, Carol, vendo que era, de facto, uma sombra de rei, amordaçado e sofredor, mas a quem forçavam a tóda a complicada pragmática da realeza, enfastiou-se. E talvez sem mesmo pensar na primeira mulher, ao afastar-se da segunda e rainha, mas talvez numa terceira galante e inédita, enfarpelou alguma roupa e safu a passear.

Pst'ANA JÚNIOR.

Perfis Minhoios

Divina Ausente

De propósito me reservei para tentar o desenho do teu perfil de milagre, nestes escassos dias de ansioso repouso.

Na lufa-lufa de todas as horas, o pensamento captivo de mil e um cuidados, acorrentado a mil e uma canseiras por tantas coisas efêmeras e tam banais anseios, não podia, minha sempre lembrada Ausente, absorver-se inteiro na evocação altíssima da tua formosura incomparável.

Guardei-me então para aqui, neste plácido recanto de uma aldeia do Minho, deste Minho, tam sedutor e tam verde como a esmeralda húmida de teus olhos formosos, guardei-me para esculpturar aqui esse perfil de sobrehumana beleza! Que loucura me toma de querer recortar a tua imagem peregrina em frases imprecisas, em termos incapazes de vincar derididamente o geito irretratável do teu rosto angélico? De pretencioso me alcunharás sabendo que me proponho fazer aquilo que humanamente se não realiza! Que burlador insigne, por mais hábil e consumado Artista, seria capaz de gravar na flacidez maleável dos gessos ou na tenacidade rígida dos mármore penélicos, as linhas delicadíssimas da tua perfeição suprema? Que Poeta genial encontraria versos cujo ritmo e harmonia se amoldassem à doçura infinita do teu verbo, ao encanto magnético do teu olhar iluminado? Não acredito minha saudosa Ausente que, estatário algum, pudesse esculpir no mais fino e polido alabastro, o milagre assombroso do teu busto inegalável! Nenhum Poeta, por mais alto que a sua Inspiração subisse, poderia compor o extraordinário Poema da tua Graça intangível! E como quero eu, pálido e indeciso joalheiro, abalançar-me ao desenho do teu perfil, se ousa negar ao mais celebrado Artista recursos para um prodígio tam alto?! E' que, estremecida e adorada Ausente, eu vejo-te como ninguém mais seria capaz de te ver! Vejo te com o fervor do sentimento e vejo-te com os olhos do coração! Assim, a tua beleza resplandece, nimbada de uma auréola de maravilha!

Adoro-te, e, adorando te, nada acharia que fôsse digno de Ti!

E se eu nada reconheceria que te igualasse, não podia também encontrar, senão cá dentro, no íntimo do meu ser, uma faculdade superior e invencível que soubesse apreciar-te.

Essa faculdade que todos possuem, em relação ao seu ideal, mais ou menos intensamente perscrutadora, mais ou menos emotiva segundo a perfectibilidade dos sentimentos e a capacidade psicológica dos afectos, essa faculdade minha Ausente idolatrada, sabes

tu bem qual é. Nem é mister que lábios profanadores se ageitem a pronunciá-la, ou pensamento de estranhos, cure de envenenar-lhe a candura!

Não te admiras já da minha ousadia, Fada celeste?

Nem te espantas agora do meu pretenciosismo?

Perdoa.

Eu estou aqui, muito longe da tua presença adorável, mas estou aí, pertinho do teu coração, na saudade intima de duas almas consubstanciadas! Assim, meus olhos ennevoados de má-gua, alcansam-te, penetrando a neblina diáfana que a mão de Deus pulveriza na vertigem das longitudes... Estás à janela, debruçada sobre o horizonte, auscultando o infinito por onde caravaneiam melodias de almas em sonho... Teus olhos, perdem-se no vago em attitudes scismadoras, evocando... Eu vejo-te! Eu vejo-te! Também tu me vês, sentado à lareira, junto de um tronco de roble a arder num holocausto de amor!

Componho versos para Ti, versos humildes e desageitados, sem arte e sem beleza, orações cultuais que os meus lábios proferem em adoração às tuas virtudes excelsas! E, todo embevecido neste empenho de te exaltar, e todo arrebatado na ânsia infinita de te engrandecer, a pena vai deslizando veloz, ao ritmo do affecto que me prende a Ti! Agora, fitas-me intensamente, profundamente, numa abstracção mística, num olhar acariciante de ternura que me conforta! Bendita sejas Aparição inefável, Estrela radiante, divino Sorriso, etérea Maravilha do meu Sonho etéreo!... Benditas sejas. As tuas mãos ebúrneas, delicadas e finas, as tuas mãos de seda e arminho, afagam-me como bálsamos preciosos a cicatrizar as chagas do meu infortúnio. Os teus lábios, graciosa concha de nácar esmaltada de pérolas alvinitentes, são como beijos do infinito quando a auro-ra ilumina de fulgores mágicos, as alturas do céu! As tuas faces, ah! essas tem a refulgência fascinadora dos corais que enrubescem as praias de Sorrento, a frescura das rosas que purpureiam os eirados de Jericó ou os terraços caprichosos de certas «villas» alpinas! Os teus olhos, scismadores e saudosos, comparo-os eu ao cerúleo cristal de lagos adormecidos, de lagos silenciosos, quando o luar se embala voluptuoso nas suas águas de mistério, como gôndola sonâmbula dos canais de Veneza! Que dizer agora dos teus cabelos, dos teus cabelos fartos e luzidios, dos teus cabelos de veludo e âmbar, dos teus cabelos ondulados e loiros como as searas bafefadas pelas auras de Junho? Mas que é isto diante da tua formosura incomparável? Tu sabes que é muito, porque a tua modestia se impõe; e eu sei que é nada porque a minha pequenês me inibe de atingir os acúmes do milagre!

Por isso me resigno a admirar-te,

Tribunal da "Ortiga,"

Duas Sentenças:

Considerando que um indivíduo chamado João, e cujo sobrenome não diremos agora, para não envergonhar a criança, se tem mostrado indecente, dirigindo-nos piadas a nossa passagem;

Considerando que esse procedimento não é próprio de gente, mas sim de bestas quadradas;

O Comité Central de «A Ortiga», reunido em assembleia magna, há por bem condenar a citada criatura a usar ferraduras e albarda, e a comer a erva toda do jardim do Toural, em frente ao qual costuma dar o seu giro.

*

Considerando que nem todas as criaturas podem ser escoreitas para se dedicarem ao atletismo, porque isso às vezes dá o funesto resultado de se mergulhar de bicanca por alguma valleta acima;

Considerando que, em reunião pública, um menino, que julga ter muita piadinha, se permitiu chamar malota ao nosso caricaturista;

Nós, por desprezo, havemos por bem condená-lo a usar avental e touquinha, e a lavar os mictórios e as retretes públicas, e a passar o corrimão a pano.

Fica revogada a legislação em contrário.

por isso me relego à felicidade de estremecer-te!

Desculpa. Temo profanar a tua beleza e sinto que me devo calar! Figurando-me a tua imagem querida, que me sorri e me abençoa, parece-me levantar-se dos ombros a cruz de ferro que os oprime... Já os meus passos se firmam e já o cativo a que me condenou o Destino se vai tornando menos duro... Mercê da tua graça, mercê da tua bondade e do teu carinho!

Não me detenho já — que me falecem recursos — a esboçar o teu perfil sem igual! Impossível!

Se eu reunisse todo o engenho dos laureados esculptores, se eu monopolizasse toda a sublime Inspiração dos Poetas, eu não poderia ainda fazer uma obra digna de Ti! E se a fizesse, minha Ausente idolatrada, se eu num poema divino cantasse divinamente a tua pulcritude angélica, e exaltasse superiormente a tua virtude altíssima, eu seria, não o maior de todos os Artistas, mas o maior e o mais glorioso de todos os homens!

Perdoa. Temo profanar a tua beleza. Sinto que me devo calar!

Daquela aldeia socegada e calma de onde te vejo com os olhos da alma, 24-XII-25.

SÍLVIO CLARO.

O sonho de um Maluco

Visões do Ano:

O Maluco tomou a piela na noite de 31 de Dezembro de 1925. Foi preciso despi-lo, para o meter na cama. Quando acordou, já passante do meio-dia de 1 de Janeiro de 1926, levantou-se e veio a correr contar-nos o seu sonho estupendo e extravagante.

Disse-nos êle que, segundo as suas visões, o ano será abundante em lãndra e abóbora (isto sem *ôfensa* a quem nos está lendo).

— Será um ano de muita mosca; tanto assim, que muita gente andará pelas ruas enfeitada com ramalhos.

— Um dia haverá em que choverá tanto, que até muito povo se há-de molhar. Depois o sol romperá, e secarão os passeios, etc. Ainda assim, muitas pessoas, ao sair das *capelinhas*, hão-de vir molhadinhas, que intê há-de ser uma pena!

— Um homem há-de rachar a cabeça a outro com um croio.

— Haverá um circuito hípico; o primeiro prémio talvez fique em poder do se Guimarães, que, em negócio de tocar tambor com os pés, no sitio onde as costas mudam de nome, ganha as lampas a todos os burros de que há conhecimento.

— Este ano, vai ser um ano de muito vinho: tanto assim, que algumas adegas estarão cheinhas de pipas; se estiverem vazias, é porque já lhes beberam o *jegre*. Os tasqueiros hão-de vender muito grisol... se lho forem comprar.

— Um cataclismo de coisas extraordinárias cairá sobre a cabeça das mulheres:

A algumas dar-lhes-há para usarem chapéu só depois de madurinhas na idade; e, então, ouvir-se-lhes-há dizer, pelas ruas fora: «A ti é que te fica bem... mas muito bem...» — «Cá o meu pesa tanto. Mas que pena! Aperta tanto...»

As meninas casadoiras cortarão tôdas o cabelo à *garçonne*, e depois irão para as janelas bater com as patinhas na nuca.

Algumas velhas vão fazer-se vaidosas, e *doudas como casas*: pintar-se-hão como taboletas, e subirão um pouco mais as saias.

— Os carros de burros passarão a ser puxados por pares de papos-secos.

— Algumas costureiras cá da terra, cheias de vaidade, hão-de derreter-se tôdas, que intê há-de ser um fedor que ninguém há-de parar.

— Haverá um dia de muito calor, que até muita gente há-de andar em fralda de camisa, mesmo a arder...

O Maluco ainda nos disse mais coisas, que publicaremos no próximo n.º.



Oscar amigo, 'scuta lá, não te faças exquisto:
— a divisa do «Calçado Atlas»
deixa-me o figado aflito.

«Cada par faz um amigo»!...
— Perdão, mas é chulice...
Quando muito, um catraio,
por amor, ou por tolice.

Pode lá ser — «um amigo!»
Isto só por chuchadeira...
Só se o par, por desfastio,
dansar de outra maneira.

Desculpa, amigo Oscar,
que pod'rei 'star enganado;
mas a divisa do «Atlas»
traz o caco desconjuntado.
Porém, se o que acima digo,
te vai fazer afinar,
peço desculpa e obrigado,
pois somos um par amigo.

AGROVERDE.

Teatro D. Afonso Henriques

Orfeão de Guimarães.

Com uma casa regular, realizou este distinto grupo coral, na passada sexta-feira, uma esplêndida récita, que agradou plenamente. O quarteto esteve sublime.

Ilda Stichini - Rafael Marques.

Nos próximos dias 20, 21 e 22 de Janeiro, vem esta excelente Companhia realizar 3 grandiosos espectáculos, com as seguintes peças: **Inglezes, Naufragos e Hora do Amor.**

De esperar é que o nosso público acorra ao Teatro D. Afonso Henriques, naquelas 3 noites, mostrando assim aos visitantes que em Guimarães também há quem saiba apreciar a boa Arte teatral (isto sem ofensa a quem foi ver os *reis-seiros... da Patagônia*).

Coisas desagradáveis

que acontecem:

— Estar uma pessoa muito contente da sua vidinha, e vir uma criatura e pisar-lhe os calos.

— Servir de pé de banco.

— Ir a correr atrás do chapéu, em dia de temporal, e, assim com quem não quer a coisa, fazer a *cama* no lagado.

— Ver as estrélas ao meio dia.

— Uma criatura que, mal abre a boca, diz logo duas grosas de asneiras (sem *ôfensa* para o se Guimarães).

— Ser-se *pedaço d'asno*.

— Um pé em falso, e um mergulho na latrina.

— Ver os outros a mandar pêso... à nossa custa.

— Um gajo a arrotar *postas de pescada*, sem ter de quê.

— Receber um tiro do parceiro, assim à quima-roupa, e ficar... com a carteira desfalcada.

— Pintar um pé de nabijas, em lugar de um dente furado (sem *ôfensa* ao pintor dos anúncios do paredão).

— Andar na horta um galo fazendo có-có-ró-có a uma galinha, e ao arrastar a asa ao redor da *bicha* dar com a tola num troço... de couve.

— Estar um figurão a gabarolar-se que nunca teve um *bicho*, e ver-se-lhe na mesma ocasião um par gentil de *gentis viajantes* em alegre passeio pela cachaceira.

Desporto

Foot-Ball Club de Guimarães.

Acaba de se constituir uma agremiação desportiva com o título acima, que resultou da fusão do Vitória Sport Club e Atlético Sport Club.

Por absoluta falta de espaço não nos podemos referir a este assunto como seria nosso desejo.

De Fafe.

A convite do Foot-Ball Club de Fafe, deslocou-se a esta vila o Grupo Desportivo Famalicense, afim de realizar-se um «match» de Foot-Ball que vinha sendo adiado, devido ao mau tempo, e que teve lugar no passado domingo.

Às 3 horas, o árbitro deu início ao jogo, havendo um rápido domínio sobre o Fafe, que em breve viu furadas as suas redes. Este reage, porém, assentando jogo pela asa esquerda, e dentro em pouco obtém o empate. Fafe está a dominar, registando-se novas avançadas pela asa direita, e António Mendes, centrando com precisão, consegue que Artur marque 2.ª bola. O jogo mantém-se sob o domínio do Fafe. Nova avançada pela asa direita e Fafe consegue a 3.ª bola, terminando a 1.ª parte com o resultado de 3 a 1.

Na 2.ª parte, Famalicão conseguiu mais 2 bolas, fazendo um empate, que Lixeiro desfez com um esplêndido sohoot. Bola ao centro, sendo agora notado um pesado domínio sobre o Grupo de Famalicão até ao término do desafio. E assim terminou com o resultado de 5 a 3 a favor do Fafe.

Cartas a uma Mulher

V

Maria Alcina:

A hora a que escrevo esta carta entra o luar por uma nêsga da janela do meu quarto como a querer pedir-me que lhe fale do seu brilho, da grandeza da sua luz, da magestática graça e beleza que êle põe nas serras e no mar, nos campos e nas ermidas, dando à alma das coisas, com a sua enorme cabeleira luminosa, um tom suave de perfume e enchendo de poesia, de sons e de côres o ar azulado e diáfano do infinito...

Mas os meus pensamentos, Maria Alcina, divergem, e embora a noite esteja luarenta e as árvores projectem sombras fantásticas, a bailarem ao som das notas agrestes do vento, eu não posso fazer uma carta como talvez fosse seu desejo e da qual gostasse muito, falando-lhe de coisa lindas que a fizessem sonhar vestida de noiva pronta aos pés de um padre para receber, em nome de Deus, a bênção nupcial...

Que de formosas visões não perpassam, agora, pela sua leve cabecinha de louca!...

Não posso, nem devo fazê-lo, porque seria desvirtuar os princípios destas cartas, e mesmo porque seria faltar à mais elementar coerência que a mim próprio impus: dar a conhecer a uma Mulher os preceitos da moral no amor e no lar, livre de tolos preconceitos que, a existirem ainda hoje, denotam uma má compreensão do que seja a verdadeira aliança, desapegada de interesses, dos indivíduos, principalmente entre a mulher e o homem; o contrário disto, dá a perceber um amor-soberba capaz de todos os crimes.

Não posso, nem sei compreender como Você, Maria Alcina, encara dêste mundo as duras realidades da vida, quando é certo toda a mulher precisar de um braço forte que a proteja de todos os contratemplos, pois, em todas as idades, a fragilidade feminina é manifesta, quantas vezes arrastando-se pelas vielas, á hora do crime, nas noites embriagadas de contorções tenebrosas e endemoninhadas pelo alcool, ou pelos salões doirados onde, servidas em taças de cristal, se confundem a virtude e a

prostituição acabando esta por vencer aquela, arrastada nas asas dos sentidos para as alcovas encobertas ou para a sombra imaculada e quieta dos recintos ajardinados...

Está muito frio e, á hora a que acabo de escrever esta carta, o luar está na suprema grandeza do seu imperio... O céu é um manto de estrélas; e a terra uma infinita mortalha de luz e prata...

Não posso escrever mais. Tenho as mãos geladas. Boa noite, Maria Alcina; vou descansar do dia as ásperas canseiras da vida.

JORGE DE AZURÉM.

Saudades minhas...

II

A outra fonte, fadada para mais altos desígnios, veio expandir-se, em seu cântico e em seu frescor entervante, debruçada da encosta campezinha, na deliciosa vizinhança de malmequeres e violetas, e de peregrinas madressilvas, que pela primavera a cobrem da bênção aromática da sua flor.

A seu lado abriu o cavador uma cova, em jeito lindo e harmonioso, e logo a fontezinha, diligente e prazenteira, com suas falas e beijos a tornou em fúlgido espelho do sol, das estrélas e do luar: lago de águas tranqüilas, onde o céu e a paisagem se retratam, onde o réptil vai banhar-se, e onde as lavadeiras batem a roupa, cantando, para entretecer de graça e alegria efêmera o rude amanho de suas obrigações.

E como para morada escolheu, aquela fontezinha de encantamento, sítio aprazível para abstrairmento dos olhos e das penas do coração ansioso, as avezinhas gostam de vir para ao pé dela tecer a renda melodiosa do seu gorgear; e ali ficam às vezes as almas enamoradas, a desfiar o rosário de suas esperanças, enquanto a cantarinha não esborda.

E como fica á beira de amenos caminhos da nossa aldeia, essa fontezinha rústica, os pobrezinhos que têm de longe, perseguidos pelo destino amarguroso, cheios de pó e de enganos, ali param a amolecer as duas côdeas de pão, e a matar a sede das ásperas jornadas, — que a sede de ventura, essa, por certo, jamais a matarão em sua vida...

Sublime e humilde destino o daquela trança de água que, depois a ter feito cantar na sua rude bacia de prata, nas mãos da lavadeira, no barro de formas airosas, na boca do caminheiro, e no lar do cavador: ainda a levou a bailar pelos campos fora, ao encontro de outros irmãos, á procura de outras canseiras, louca, insatisfeita, aos beijos e aos abraços, perdida de amores pela terra, seu berço e sua sepultura: da terra fluindo, na terra vivendo suas doces horas de esperança, o meigo embalo do seu sonho de bem-querer, e pela terra se deixando morrer, aos poucos, lentamente, para voltar ressurgida nos benignos anseios do húmus criador...

Sobre o lago brilhante onde canta a linfa da alegre fonte, já vi um dia desfolhar as pétalas doloridas de uma Saudade: benditas lágrimas que vieram cair-me, e ainda trago recolhidas, em meu coração... E' por isso que eu te recordo sempre enternecidamente, ó lírica fonte de meus afectos, e porque és generosa e feliziceira, e a tua água é cristalina e pura como a alma cândida do meu primeiro Amor!...

S. D.

: Livro-de-Horas :

III

Luz moribunda

... Quiz o acaso — o acaso emotivo da minha sensibilidade — que por tarde algida de fim-de-Outono, e em que um brando sol mal aquecia os meus nervos fracos, eu me abandonasse a passear sozinho por caminhos já muito meus conhecidos da aldeia, dessa aldeia que me solicita e captiva pela sua paisagem triste — triste como a Dor Bendita, que me acompanha e de que vou relendo as páginas íntimas que François Copée escrevera, na hora mística do seu volver á Crença primitiva, á Crença renegada —, e que das árvores que bordam o caminho viessem cair me no livro aberto, desprendidas pelo vento levantino, duas folhas amarelecidas da tísica dos outonos; ao mesmo tempo que, arrimado ao duro cajado, por mim passava, saudando-me em voz custosa de débil, um pobre velhinho corcovado para a terra ingrata que seus pés calcinara, nos tórridos calores passados, e lhos gretava agora, na lama fria que a neve enregece... Do fundo amargor de angustiantes provações por que passara, o seu rosto descarnado deixava ler nos laivados sulcos a dor que lhe ia na alma — na alma esfarrapada como os pobres andrajos que mal lhe cobrem o corpo magro de Job errante dos caminhos, e que vê sucederem-se os dias, e aos dias as noites, num corolário sempre doloroso — que só terá fim quando a morte redentora o arrebatara no fundo de uma cova ou no vão de uma valeta...

... Cruel destino!: de herdade em herdade, por êrmos solitários, embrenhando-se, quantas vezes!, por veredas tortuosas sem saída, e sem uma voz amiga, sem um sorriso acarinhante á chamá-lo para a choupana do repouso, que nunca tivera...

... E lá caminha, lá caminha... Mais uma rajada fria do norte... — e seus olhos cerrar-se-hão para sempre á luz que vai guiando seu andar trópego e cansado, na jornada da negra vida, da negra vida sua... Mais uma rajada fria do norte... — e suas mãos espavoridas desprendem-se-hão do duro cajado a que se arrima, como estas duas folhas amarelecidas da tísica dos outonos, que há pouco me caíram sobre o livro aberto, e que são bem a imagem da alma fenecida das árvores e da já esfarrapada alma do pobre velhinho corcovado...

Fim-de-Outono de 1925.

ALBERTO DE MACEDO.